

## AS DIMENSÕES SEMÂNTICA E SINTÁTICA DE ORAÇÕES COMPLETIVAS EM KAINGANG

Luciana Pereira Tabosa<sup>1</sup>  
Ludoviko dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** A língua kaingang pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por aproximadamente 29.000 pessoas distribuídas em mais de trinta Terras Indígenas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil. O presente trabalho trata de uma abordagem inicial da estrutura das orações completivas dessa língua, com base nos pressupostos da Linguística Descritiva e Funcional. Para isso, fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Givón (2001), Noonan (2007), Santana (2010) e Payne (1997). Segundo esses autores, a oração completiva funciona como argumento (sujeito ou objeto) do verbo da oração principal. O *corpus* do trabalho constitui-se de dados coletados com informantes da Terra Indígena Apucarantina, localizada no município de Tamarana ó PR. A análise demonstra que a língua kaingang manifesta a oração completiva por meio do encaixe desta oração como argumento do verbo da principal ou por um único predicado complexo, e, ainda, aborda a relação semântica e sintática destas orações. Os objetivos deste trabalho são abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações completivas da língua kaingang, subsidiar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do norte do Paraná e contribuir com a descrição da língua kaingang.

**Palavras-chave:** kaingang; orações completivas; descrição.

### Syntactic and semantic dimensions of sentential complementation in the Kaingang language

**ABSTRACT:** The Kaingang language, one of the indigenous languages with most speakers in Brazil, belongs to Jê family from Macro-Jê trunk. It is spoken by approximately 29.000 people, distributed in over thirty Indigenous Lands in the States of São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul. This paper is an initial approach to the structure of the sentential complementation study of this language, based on the assumptions of Descriptive and Functional Linguistics. In order to do that, this work is based on the theoretical assumptions of Givón (2001), Noonan (2007), Santana (2010) and Payne (1997). According to these authors, sentential complementation functions as argument (subject or object) of the verb in the main clause. This paper consisted of data collecting with informants from Apucarantina Indigenous Land, located in the city of Tamarana - PR. The analysis shows that the kaingang express the sentential complementation through the embedding of one clause inside the main clause or a single thought complex clause and also address the semantic and syntactic relation of these clauses. The objectives of this study are to approach, from a

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Paraná, Brasil. lu.tabosa04@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Paraná, Brasil. lilukabi@uel.br

descriptive point of view, the sentential complementation, give easier access to material support to bilingual teachers of Indian schools in northern Paraná and contribute to the description of Kaingang.

**Keywords:** kaingang; sentential complementation; description

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, existem cerca de 180 línguas indígenas e um número reduzido de pesquisadores que se dedicam a elas. Muitas dessas línguas não foram objetos de pesquisa, fato que destaca a importância e a necessidade de que mais linguistas se dediquem ao seu estudo.

Uma dessas línguas é o kaingang, que pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por aproximadamente 29.000 pessoas nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil. No Paraná, os kaingang totalizam mais de 7.000 pessoas distribuídas em 11 Terras Indígenas.

Embora seja uma das línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil, são poucas as pesquisas linguísticas voltadas à língua kaingang, o que leva a alguns problemas: (a) a língua kaingang carece de estudos no nível morfossintático; (b) não há estudos sobre a língua que possam ser usados por professores bilíngues.

A pesquisa de doutorado<sup>3</sup> da qual este trabalho faz parte almeja descrever as orações complexas da língua kaingang. Um dos tipos de orações complexas são as completivas, que serão tratadas neste trabalho de forma preliminar, tendo em vista que a descrição de seu funcionamento ainda se encontra em andamento. Os dados foram coletados com informantes da Terra Indígena Apucarantina, localizada no município de Tamarana ó PR. Os objetivos a serem alcançados com a pesquisa são: (a) abordar, de um ponto descritivo, as orações complexas da língua kaingang; (b) possibilitar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do Norte do Paraná; (c) contribuir com a elaboração da gramática do kaingang; (d) contribuir com os estudos comparativos da família linguística Jê.

A fundamentação teórica adotada para este trabalho segue os pressupostos da Linguística Descritiva e Funcional. Para isso, o trabalho apoia-se em Givón (2001), Payne

---

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

(1997), Noonan (2007) e Santana (2010). No tocante à estrutura da língua kaingang, o trabalho dialoga com as pesquisas de outros estudiosos da língua como Wiesemann (2002), Almeida (2008), Gonçalves (2007) e Silva (2011).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Orações completivas

Orações complexas são construções que envolvem a combinação de dois ou mais verbos. Payne (1997, pp. 306-307) apresenta seis tipos de construções com mais de um verbo: (1) verbos seriais, (2) orações completivas, (3) orações adverbiais, (4) cadeias de orações, (5) orações relativas e (6) coordenação. Segundo ele, as primeiras representam um maior grau de integração entre os dois verbos e as últimas um menor grau de integração gramatical. Depois das construções com verbos seriais, as orações completivas são as que apresentam um maior grau de integração gramatical.

Payne (1997), Noonan (2007), Givón (2001) e Santana (2010) definem uma oração completiva como aquela que funciona como um argumento (sujeito ou objeto) da oração principal. Ao tratar das orações completivas, Givón (2001) destaca um aspecto importante que diz respeito ao isomorfismo obtido entre as dimensões semântica e sintática. Esse isomorfismo, segundo o autor, fornece um dos melhores exemplos de iconicidade em sintaxe, pois envolve a dimensão semântica que se refere à integração de evento e a sintática que diz respeito à união de orações. Com base nisso, Givón (2001, p. 40) formula o seguinte princípio de iconicidade: “Quanto mais forte é o laço semântico entre dois eventos, maior será a integração sintática das duas orações em uma só oração complexa.”<sup>4</sup> Dessa forma, a complexidade sintática é resultado da complexidade cognitivo-semântica.

Algumas línguas fazem uso de complementizadores que, segundo Noonan (2007), podem ser constituídos por uma palavra, partícula ou afixo com função de identificar a entidade como complemento. Existem complementos que não têm nenhum complementizador a eles associados. Conforme destaca o autor, o uso de um complementizador pode ser opcional ou determinado pelo contexto pragmático. Sobre a distribuição da oração completiva dentro do período, Noonan (2007) aponta que, normalmente, ela ocupa a posição que o sujeito e o objeto ocupam, no entanto, há línguas que não seguem esse padrão distributivo.

<sup>4</sup> The stronger is the *semantic bond* between the two events, the more extensive will be the *syntactic integration* of the two clauses into a single though complex clause.

Os autores mencionados discorrem sobre as diferentes maneiras que as línguas utilizam para formar as orações completivas. Consideramos esclarecedor reproduzir aqui o posicionamento de Santana (2010, p. 111):

Diferentes línguas podem codificar diferentemente os tipos de encaixamento. A relação semântica é a mesma, mas é variável o tipo de construção sintática. A universalidade das línguas está no domínio funcional em que as motivações semânticas aparecem. Já os tipos morfossintáticos de encaixamento constituem um aspecto particular de cada língua e é apenas nesse nível que surgem as diferenças entre os sistemas linguísticos.

Com relação à estrutura da oração principal e da completiva, Santana (2010) reconhece que há línguas que apresentam a mesma estrutura nas duas orações, mas outras demonstram diferenças. A autora ressalta ainda que o tipo de oração completiva está ligado ao tipo semântico do predicado encaixador. A respeito disso Givón (2001) elenca três classes de verbos que constituem um predicado encaixador: (i) verbos de modalidade, como *õquererö*, *õimplorarö*, etc; (ii) verbos de manipulação, como *õfazerö*, *õdizerö*, *õordenarö*, etc; (iii) verbos de cognição-percepção-expressão vocal, como *õsaberö*, *õpensarö*, *õdizerö*, etc. Segundo o autor, o elo semântico entre o verbo da oração principal e da completiva é escalar, de forma que os verbos de modalidade e de manipulação apresentam uma ligação mais forte com o verbo da oração principal e os verbos de cognição-percepção-expressão vocal demonstram uma ligação mais fraca.

Ainda com relação à dimensão semântica da complementação, consideramos esclarecedor apresentar os tipos de predicados encaixadores elencados por Santana (2010). A autora lista nove tipos de predicado da oração matriz que classificam os predicados encaixadores, argumentando que: *õ* conjunto de expressões possíveis em posição de argumento é diferente para cada predicado selecionador de complemento, devendo-se considerar, portanto, o tipo de predicado e a categoria semântica que o complemento designa. *õ* (pp. 140-141). Assim, é o tipo de predicado que influenciará na escolha do tipo de complemento. Seguiremos para a análise do kaingang a classificação proposta pela autora<sup>5</sup> e acrescentaremos outros tipos elencados por Noonan (2007) que não são mencionados por ela.

## 2.2. Ordem oracional e partículas da língua kaingang

Para auxiliar na compreensão da descrição e análise das orações completivas da língua kaingang (seção 3), apresentaremos a ordem oracional da língua e faremos uma breve descrição de algumas partículas que ocorrem nos dados apresentados neste trabalho.

---

<sup>5</sup> No entanto, não contemplamos todos os tipos de predicados apontados por ela, pelo fato de ainda estarmos investigando sua ocorrência na língua.

A ordem oracional básica da língua kaingang é SOV, na qual o sujeito é, geralmente, marcado morfológicamente, como demonstra o exemplo abaixo:

SN	SV		
1. [g r	v ]	[ m	kó]
menino	MS	bolo	comer
S	O	V	
õO menino comeu bolo.õ			

O kaingang constitui-se como uma língua posposicional, portanto o marcador de sujeito segue o núcleo do sintagma nominal. No exemplo acima, ocorre o marcador *v* que, segundo Wiesemann (2002), indica sujeito enfático. Outros dois marcadores que ocorrerão nos dados da análise deste trabalho são: *t* - que indica sujeito agente, ocorrendo em algumas construções complexas, e *m* - usado para marcar sujeito em perguntas.

Com relação às categorias TAM (tempo, aspecto e modo), Almeida (2008) explica que do ponto de vista morfológico/gramatical, o kaingang apresenta apenas dois tempos: (i) futuro ó tempo marcado, e (ii) não-futuro ó tempo não marcado. A autora postula que essa distinção demonstra um contraste mais modal do que temporal, de forma que o tempo futuro expressa o modo *irrealis* (algo que ainda não aconteceu) e o não-futuro o modo *realis* (algo que aconteceu, acontece normalmente ou está acontecendo). Além do modo *realis* e *irrealis*, Almeida (2008) também distingue o modo imperativo. O aspecto é uma distinção bem marcada na língua: õo aspecto é, de certa forma, um tempo, porém um tempo interno do evento, o que difere do tempo externo do evento. Neste podemos encontrar os contrastes entre passado, presente e futuro, naquele, os contrastes entre perfectivo e imperfectivo, entre outros.õ (ALMEIDA, 2008, p. 90)

Conforme apontam os trabalhos de Almeida (2008), Gonçalves (2007) e Silva (2011), a língua kaingang marca tanto gramatical como lexicalmente as categorias de TAM, de forma que o verbo pode ou não sofrer flexão e ser acompanhado de partículas que indicam aspecto e modo.

As partículas de modo, segundo Wiesemann<sup>6</sup> (2002, p. 159), modificam tanto verbos quanto substantivos: õExistem dois subgrupos: os que podem somente seguir verbos e assim são um tipo de advérbios, e os que seguem tanto verbos como substantivos ou outros

<sup>6</sup> Embora os trabalhos de Wiesemann sejam pioneiros e de extrema importância para o estudo da língua kaingang, carecem de um embasamento teórico mais adequado, pois é possível constatar sua dificuldade em nomear algumas categorias gramaticais. Por exemplo, alguns termos que a autora classifica como modo sugerem outras categorias gramaticais.

indicadores de modo. Os dados que compõem este trabalho ocorrem as seguintes partículas de modo: *ja* (terminado), *sór* (querer), *ha* (agora), *t* (negação), *ke* (modo *irrealis*), *jãvãnh* (recusar, não saber fazer) e *mã* que indica continuidade (de novo).

Com relação ao aspecto, Almeida (2008, p. 106), baseada em Comrie (1976), tece algumas considerações sobre perfectividade e imperfectividade:

Enquanto a perfectividade representa a ação pura e simples, configurando-se como uma visão do acontecimento como um todo único, sem se importar com as fases separadas da situação, a imperfectividade tem a atenção voltada à estrutura interna da situação, pondo-se ênfase em alguma parte da mesma: seu começo, meio ou fim; ou no próprio desenvolvimento/desenrolar da situação.

Nos dados deste trabalho ocorrem os seguintes marcadores de aspecto: *t* (habitual), *m* (contínuo), *n* (estativo) e *j* (em pé). Segundo Almeida (2008), os marcadores *m*, *t* e *n* marcam eventos imperfectivos.

Além dos marcadores de modo e aspecto, a língua kaingang também possui em sua estrutura gramatical marcadores de circunstância e marcadores de opinião. Os marcadores de circunstância funcionam, segundo Wiesemann (2002), como as preposições do português, porém, como o kaingang é uma língua posposicional, são chamados de posposições. Neste trabalho ocorrem quatro marcadores de circunstância: *ki* (em), *to* (em direção de), *t* (com) e *m* (para). Ainda conforme Wiesemann (2002, p. 159), os marcadores de opinião exprimem a atitude do falante com a informação transferida, podendo ocorrer em diversas posições na oração. Em nossos dados ocorrem três marcadores de opinião: *hã* (igual, parecido, semelhante ó foco assertivo), *h n* (provavelmente) e *kur* (depressa).

Nas glosas dos dados deste trabalho adotaremos a seguinte notação: MS ó para marcadores de sujeito; ASP ó para as partículas de aspecto; MO ó para as partículas de modo; CIRC ó para os marcadores de circunstância; OP ó para os marcadores de opinião; FEM ó para feminino; EXIST ó para indicador de existência; PR3P ó para pronome de terceira pessoa e CONJ ó para conjunção.

### 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ORAÇÕES COMPLETIVAS DA LÍNGUA KAINGANG

#### 3.1 Tipos semânticos de predicado da oração matriz

a) predicados encaixadores de enunciação

Correspondem a verbos como *õfalarö*, *õdizerö*, *õcontarö*, *õperguntarö*. Conforme Santana (2010, p. 162): *õO complemento de predicados de enunciação representa a informação transferida, o conteúdo comunicado.õ* Esses predicados têm a função pragmática de transmitir um conteúdo.

2. [ n gré v [g r v p ngre péju] hé]<sup>7</sup>  
 homem MS menino MS galinha roubar dizer  
*õO homem disse que o menino roubou a galinha.õ*

3. [ n t tá fi v [g r m pévé] hé t ]  
 mulher FEM MS menino MS cair dizer ASP  
*õA mulher perguntou se o menino caiu.õ*

A língua kaingang marca o feminino por meio da partícula *õfiö*<sup>8</sup> como se nota no exemplo 3. Em 2 e 3 há o uso de um verbo de dizer (*hé*) e seu argumento é uma oração que ocorre na posição de objeto direto. Nota-se, portanto, que a estratégia utilizada neste tipo de construção é o encaixe da oração que funciona como argumento do verbo da principal na posição de objeto. Em cada exemplo, é possível perceber que não ocorre complementizador na oração encaixada e esta apresenta todos os elementos que constituem uma oração na ordem canônica do kaingang: sujeito + MS + (objeto) + verbo.

Quanto aos marcadores de sujeito, o exemplo 2, por se tratar de uma declaração, marca o sujeito da principal e o da encaixada com *v* ; já 3, que apresenta uma interrogação, marca o sujeito da encaixada com *m* indicando qual é o sujeito interrogado.

Devido ao fato de o verbo do predicado encaixador (*hé* - dizer) pertencer à classe dos verbos de cognição-percepção-expressão vocal, conforme classifica Givón (2001), e de cada período apresentar dois sujeitos distintos e duas orações completas, é possível constatar uma ligação mais fraca entre o verbo da oração principal e o da completiva.

#### b) Predicados encaixadores de atitude proposicional

São introduzidos por verbos como *õacharö*, *õacreditarö*, *õpensarö*. Segundo Santana (2010, p. 169), *õdescrevem uma atitude avaliativa do falante em relação à verdade/falsidade da proposição inserida no complemento.õ*

<sup>7</sup> As orações estão divididas por colchetes nos exemplos.

<sup>8</sup> Sobre a marcação de gênero em kaingang sugerimos a leitura de *õGênero em kaingang?õ* de Wilmar da Rocha D'Angelis, disponível no site [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org).

4. [Maria fi v [g r hã h n p ngre péju m ] hé]  
 Maria FEM MS menino OP OP galinha roubar ASP dizer  
 õMaria acha que o menino roubou a galinha.õ
- 5.[ Maria fi v [g r hã v p ngre péju m ] hé]  
 Maria FEM MS menino OP MS galinha roubar ASP dizer  
 õMaria acredita que o menino roubou a galinha.õ

Assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação, os exemplos acima também apresentam a oração completiva no lugar do argumento objeto do verbo da oração principal. O predicado encaixador apresenta um verbo de dizer e a atitude avaliativa do falante com relação à informação transmitida se dá por meio de marcadores de opinião que acompanham o sujeito da oração encaixada.

A combinação de *hã* e *h n* em 4, indica que o sujeito da oração principal não tem certeza quanto à proposição inserida na oração completiva, pois, como já mencionado na seção 2.1., *hã* indica foco assertivo e *h n* significa provavelmente; assim, o significado literal do exemplo seria õMaria disse que o menino provavelmente roubou a galinhaõ. Já o uso de apenas *hã* em 5, denota o grau de certeza do sujeito da oração principal com relação ao fato expresso na completiva.

Ambos os exemplos não apresentam complementizador e têm sujeitos distintos para a oração principal e para a completiva, sendo que esta se constitui por uma oração completa (embora a completiva de 4 não apresente marcador de sujeito), indicando, assim, uma ligação mais fraca entre o verbo da principal e o da completiva.

#### c) Predicados encaixadores de conhecimento

Verbos como õsaberõ, õdescobrirõ, õesquecerõ, õlembrarõ, õverõ, õperceberõ são, conforme define Santana (2010, p. 173), õidentificados por descreverem um estado de conhecimento ou um processo de aquisição (ou perda) de um conhecimento em relação ao fato expresso no complemento oracional.õ

6. [Maria fi [g r t p ngre peju ja ki] [kanhrã]  
 Maria FEM menino MS galinha roubar MO CIRC ensinar  
 õMaria descobriu que o menino roubou a galinha.
7. [Pedro v [Ludoviko t g ja n ] m ]  
 Pedro MS Ludoviko andar MO ASP verbo de percepção  
 õPedro soube que Ludoviko chegou.õ



Nos dois exemplos acima, a oração completiva também ocupa a posição do argumento objeto da oração principal, assim como em 2, 3, 4 e 5. Não há complementizador e o sujeito da oração principal e o da completiva são diferentes. A oração completiva é uma oração completa, porém no exemplo 7 não há marcador de sujeito.<sup>9</sup> Para os predicados encaixadores de conhecimento, é possível notar que o kaingang utiliza o verbo *õkanhrãñö* (ensinar - ex.6) no sentido de *õconhecerö* e um verbo de percepção *õm ö* (ex.7) no sentido de *õsaberö*. Com relação aos marcadores de modo e aspecto, em 6, ocorre o marcador de modo *ja* (terminado) e, em 7, esse marcador de modo mais o de aspecto *n* (estativo).

Nota-se também que, assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação e de conhecimento, a integração verbal entre o verbo da principal e o da completiva é fraca, conforme Givón (2001). O exemplo 6 marca apenas o sujeito da completiva com *t*<sup>10</sup>. Esse marcador tem ocorrido em orações transitivas dentro de períodos complexos, mas não é uma regra, tendo em vista que o marcador *v* também ocorre nesse contexto. Como ainda estamos investigando o emprego do marcador *t* em orações complexas, não é possível, neste trabalho, explicar o motivo dessa ocorrência.

#### d) Predicados encaixadores de volição

Pertencem a esses tipos de predicados verbos como *õquererö* e *õpretenderö*. Conforme define Santana (2010, p. 178), *õdescrevem o desejo ou a vontade do participante da oração matriz de que o evento no complemento oracional se realize ou deixe realizar.õ*

8. [Luciana *v* *fi* livro *kajãm* *sór* *m* ]  
 Luciana MS FEM livro comprar MO ASP  
*õ*Luciana queria comprar um livro.*õ*

9. [Pedro *v* *goj* *mág* *t*<sup>11</sup> *Pucaraninh* *ki* *vim* *kenh* *t* *g* *sór* *m* ]  
 Pedro MS rio grande EXIST Apucarantina CIRC pescar andar MO ASP  
*õ*Pedro quer pescar no rio Apucarantina.*õ*

<sup>9</sup> Em outros exemplos de orações complexas que compõem o *corpus*, os sujeitos de verbos intransitivos também não são marcados.

<sup>10</sup> Ao coletarmos esse dado, perguntamos ao informante se poderíamos acrescentar o marcador de sujeito *õv ö* na oração principal e ele disse que o sujeito dessa oração pode ou não receber o marcador. Notamos que em outros dados de oração complexas cujo sujeito é ocupado por um nome com marca de feminino, o informante ora usa o marcador de sujeito, ora não usa. Parece que, nesse contexto, a marcação é opcional.

<sup>11</sup> A partícula *t*, neste exemplo funciona como indicador de existência, denotando que o rio citado na proposição é o Apucarantina.

Os exemplos acima se comportam diferentemente dos exemplos apresentados em (a), (b) e (c). Pode-se constatar que tanto em 8 quanto em 9 há apenas um sujeito para duas proposições de cada período e que a língua kaingang não apresenta um verbo de volição, mas emprega o marcador de modo *sór* (querer) que segue o verbo. Assim não há um predicado encaixador, mas um único predicado complexo constituído pelo núcleo verbal mais o marcador de modo, além do marcador de aspecto contínuo *m*. Portanto, é possível perceber que é grande o elo semântico que se dá entre o núcleo verbal e o indicador de modo, de maneira que os dois juntos denotam um único evento complexo. Isso demonstra o princípio de iconicidade givoniano apresentado na seção 2 que aqui repetimos: “Quanto mais forte é o laço semântico entre dois eventos, maior será a integração sintática das duas orações em uma só oração complexa.”

#### e) Predicados encaixadores de manipulação

Constituem esses predicados verbos como *õmandarö*, *õpedirö*, *õobrigarö*, *õpermitirö* e *õdeixarö*. De acordo com Santana (2010, p. 183), *õ* indicam que a atitude de um indivíduo pode compelir, autorizar ou impedir outro indivíduo de realizar a ação expressa no complemento oracional.

10. [Ludoviko v Luciana fi m kur v nhrán han hé]  
 Ludoviko MS Luciana FEM CIRC OP escrever fazer dizer  
*õ*Ludoviko pediu para Luciana escrever a frase.  
 (lit.: Ludoviko disse para Luciana escrever a frase rápido.)

O kaingang apresenta um único predicado complexo para indicar manipulação. O verbo principal é *hé* (dizer) e o agente desse verbo (Ludoviko) manipula o comportamento de um indivíduo o qual Givón (2001) chama de *manipulee* (Luciana), que é o objeto do verbo principal e sujeito da completiva. No entanto, na completiva o *manipulee* é codificado como zero. A oração completiva ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal. O elo semântico entre o verbo principal e o da completiva é tão forte que os dois eventos são codificados como um único predicado complexo. O sentido de manipulação se intensifica pelo uso do marcador de opinião *kur* indicando que o sujeito da principal exige que o sujeito da completiva execute a ação com rapidez.

#### f) Predicados encaixadores de percepção física

Pertencem a esses predicados verbos como *õouvirö* e *õverö*. Ao definir esses predicados, Santana (2010) os diferencia dos predicados encaixadores de conhecimento:

Predicados encaixadores de percepção física indicam que o evento da completiva é o objeto da percepção visual (percepção imediata do estado de coisas) do sujeito indicado na oração matriz, o que difere de um predicado de conhecimento, que denota (o processo de) aquisição do conteúdo expresso no complemento (percepção mental do conteúdo proposicional), tal como os predicados *ver* e *perceber*. (p. 189)

11. [Pedro v [Ludoviko jun] vé]  
 Pedro MS Ludoviko chegar ver  
 õPedro viu o Ludoviko chegar.ö

12. [Pedro v [m g t g r pra] vé]  
 Pedro MS onça MS menino morder ver  
 õPedro viu a onça morder o menino.ö

Ambos os exemplos apresentam a oração completiva na posição do argumento objeto do verbo da oração principal. Da mesma forma que ocorre nos predicados encaixadores de enunciação, de conhecimento e de manipulação, o sujeito da principal e o da completiva são diferentes e a oração completiva constitui-se de uma oração completa.<sup>12</sup>

Este tipo de construção demonstra uma ligação mais fraca entre o verbo da principal e o da completiva, conforme argumenta Givón (2001) a respeito dos verbos de cognição-percepção-expressão vocal.

g) Predicados encaixadores fasais

São introduzidos pelos verbos *õcomeçarö*, *õiniciarö*, *õpararö* e *õcontinuarö*. *õSe referem à fase de desenvolvimento (início, continuação, fim) do estado de coisas por eles designados.ö* (Santana, 2010, p. 193)

Os dados coletados para testar os predicados fasais mostram que o *kaingang* não exprime a noção de início e término de um evento nem por meio de uma oração encaixada, nem por meio de uma oração que denota um único evento complexo. O que ocorre é uma oração simples cujo verbo é seguido por marcadores de modo e aspecto. Mesmo não se tratando de orações completivas, tampouco de orações complexas, optamos por apresentá-las neste trabalho para mostrar como a língua manifesta a fase de desenvolvimento de um evento.

<sup>12</sup> Assim como ocorre no exemplo 7, acreditamos que o sujeito da completiva em 11 não é marcado por ser uma oração intransitiva. Com relação ao marcador *t* em 12, ainda estamos investigando seu emprego, como comentamos no exemplo 6.

13. [G r v f m ha]  
 menino MS chorar ASP MO  
 ðO menino começou a chorar.ð  
 (lit.: ðO menino está chorando agorað)

14. [G r v f mã t n ha]  
 menino MS chorar MO MO ASP MO  
 ðO menino parou de chorar.ð  
 (lit.: ðO menino não está chorando de novo agorað)

Em 13, o indicador de aspecto contínuo *m* mais o marcador de modo *ha* (agora) que acompanham o verbo *f* denotam uma das fases do evento de chorar: seu início. Em 14 há uma combinação de quatro marcadores que acompanham o verbo para denotar que o término da ação tem caráter permanente: o marcador *mã* indicando continuidade (de novo) é modificado por *t* que indica negação; esses dois marcadores seguidos de *n* (estatividade) e de *ha* denotam que o término da ação de chorar tem um certo caráter permanente. Esse caráter permanente não deve ser interpretado como ‘para sempre’ mas algo que dure por um determinado tempo, mesmo que esse tempo seja o ‘agora’.

Enquanto os dados acima exprimem noções de início e término de um evento, o dado abaixo indica continuidade. Nota-se, porém que, ao invés de uma oração simples, o período é formado por coordenação.

15. [G r v f ] [ k kr g he jãvãnh j ]  
 menino MS chorar CONJ parar MO ASP  
 ðO menino continuou a chorar.ð  
 (lit.: ðO menino chorou e não quis parar de chorarð)

Assim, no período acima, a oração que indica a continuidade da ação de chorar tem as seguintes características: (i) segue a oração principal; (ii) inicia-se por uma conjunção *ó k* (então) -; (iii) tem o marcador de modo *jãvãnh* (não querer ou poder fazer algo) que acompanha o verbo *kr g he* (parar) mais o marcador de aspecto *j* (em pé)<sup>13</sup>. Mesmo se tratando de uma oração coordenada, optamos por apresentar esse dado aqui para contrastá-lo com os dados 13 e 14.

<sup>13</sup> *J* (em pé) é um marcador de aspecto que contrasta com o marcador de aspecto *n* (deitado). Ambos denotam estatividade, porém os kaingang costumam marcar a distinção ‘em pé’ vs ‘deitado’ em muitas orações. No entanto, o significado de ‘estar em pé’ e ‘estar deitado’ não corresponde, necessariamente, com o sentido que atribuímos em português, tendo em vista que, no kaingang, o sentido é muito mais abrangente.

## h) Predicados encaixadores de tentativa

Empregam verbos como *õtentarö* e *õprocurarö*. Esses predicados *õ*indicam que o participante do estado de coisas principal emprega meios para realizar/conseguir que o estado de coisas descrito no complemento oracional ocorra.ö (Santana, 2010, p. 202)

16. [G r v pó t<sup>14</sup> m g to p g sór m ]  
 menino MS pedra CIRC onça CIRC atirar MO ASP  
 õO menino tentou jogar a pedra na onça.ö

Assim como os exemplos dos predicados de volição, o exemplo acima apresenta um único sujeito e um único predicado complexo formado pela integração semântica entre o verbo *p g* (atirar) e o marcador de modo *sór* (querer), evidenciando, mais uma vez o princípio de iconicidade proposto por Givón (2001).

## i) Predicados encaixadores de temor

õSão caracterizados por ter semanticamente sujeitos experimentadores expressando uma atitude de medo ou preocupação de que a proposição complemento seja realizada.ö<sup>15</sup> (Noonan, 2007, p. 119) (**tradução nossa**)

17. [G r v [m g t ti pranh ke] kam g]  
 menino MS onça MS PR3P morder MOD ter medo  
 õO menino ficou com medo de a onça mordê-lo.ö

O exemplo acima apresenta sujeitos diferentes para a oração completiva e para a oração principal, sendo que o desta é marcado por *v* e o daquela recebe o marcador *t*. A oração completiva é uma oração finita que ocorre na posição do argumento objeto do verbo da oração principal. Com base em Almeida (2008), é possível dizer que essa oração encontra-se no modo *irrealis* devido ao fato de o verbo estar flexionado em *nh* e ser seguido pelo marcador *ke*, tratando-se, portanto, de um evento que não aconteceu. Nota-se uma ligação mais fraca entre o verbo da principal e o da completiva, assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação, de conhecimento e de percepção física.

<sup>14</sup> A partícula *t*, neste exemplo, funciona como marcador de circunstância (com), como apresentado na seção 2.1.

<sup>15</sup> They are characterized semantically by having experiencer subjects and expressing an attitude of fear or concern that the complement proposition will be or has been realized.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos exemplos apresentados na seção 3.1, é possível chegar às seguintes constatações:

A língua kaingang não tem complementizador, ou seja, não apresenta nenhuma palavra, partícula ou afixo com função de identificar a entidade como complemento.

Os exemplos constituídos por um único sujeito demonstram o princípio givoniano de que quanto maior o grau de integração semântica entre os eventos da oração matriz e da subordinada, maior é o grau de integração sintática. Esses exemplos são formados por predicados complexos que se constituem pela integração semântica entre o verbo mais os marcadores de aspecto e modo. Ilustram esse tipo de construção os exemplos apresentados em (d) ó volição e (h) ó tentativa. Embora o exemplo apresentado para o predicado de manipulação apresente mais de um sujeito, constatamos a formação de um único predicado complexo constituído pela forte integração semântica entre o verbo da principal e o da completiva.

Os demais dados cujos sujeitos não são correferenciais (exceto o de manipulação) apresentam orações encaixadas: (a) ó enunciação, (b) ó atitude proposicional, (c) ó conhecimento, (f) ó percepção física e (i) ó temor. Nesses exemplos ocorrem duas orações, sendo que a completiva ocupa a posição do argumento objeto do verbo da oração principal. É interessante destacar que nos exemplos apresentados em (b) ó atitude proposicional, há a ocorrência de marcadores de opinião que se encontram no sintagma nominal sujeito da oração completiva. Esses marcadores de opinião referem-se à avaliação do sujeito da oração principal com relação à proposição inserida na oração completiva.

Os exemplos apresentados ilustram que a maior ou menor integração morfossintática é caracterizada pelo tipo do predicado encaixador e a correferencialidade entre os participantes. Desse modo, a semântica do predicado encaixador de completivas é altamente relevante para determinar a categoria morfossintática das predicacões dependentes. (Santana, 2010, p. 231)

Enfim, este trabalho propôs-se apenas a fazer alguns apontamentos sobre as orações completivas da língua kaingang, já que a análise ainda encontra-se em andamento. Esperamos que, em trabalhos futuros, por meio da análise e comparação de mais dados, seja possível contribuir com o campo da análise e descrição de línguas indígenas, que tanto necessita de linguistas voltados a este tipo de pesquisa.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Liriana de. *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang: uma proposta de análise*. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) ó Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: An Introduction*. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GONÇALVES, Solange Ap. *Aspecto no Kaingang*. 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado ó Instituto de Estudos da Linguagem) ó Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

NOONAN, Michel. Complementation. In: SHOPEN, Thimoty (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description: Volume II ó Complex Constructions*. New York: Cambridge University Press, 2007, pp. 52-150.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SANTANA, Líliliana. *Relações de complementação no português brasileiro: uma perspectiva discursivo ó funcional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, Maria S. R. da. *A língua kaingang da aldeia paulista Icatu: uma descrição funcional*. 2011. 261 f. Tese (Doutorado ó Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas) ó Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

WIESEMANN, Úrsula. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingang*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Recebido em 11 de janeiro de 2013.

Aceito em 10 de maio de 2013.